

Por que não produzimos?

Cláudio Ferreira *

Quem vive em Brasília há muito tempo e, principalmente, quem nasceu ou cresceu na cidade, está assustado com uma constatação que parece óbvia, mas é desesperadora: moramos em uma cidade-estado que não produz. Ou pelo menos não produz em quantidade que gere empregos e corresponda ao título que lhe foi cunhado desde o final dos anos 50: Capital da Esperança. Com 168 mil desempregados, pouca perspectiva de consolidar um parque industrial e um comércio que reclame ter trabalho para desviar-se das crises sanzonais, Brasília parece um beco sem saída para quem ainda não tem sua vaga no mercado de trabalho, ou como se diz popularmente, "sua vida encaminhada".

Sou de uma geração que viu Brasília ainda em volta em barro vermelho e construção por todo lado. Olhávamos orgulhosos de morar neste canteiro de obras e, na escola, nos diziam: "vocês são o futuro do Brasil". Tirando os exageros dos anos 70, época do "Brasil que vai pra frente", muitos de nós acreditaram. Afinal, era óbvio que uma cidade que extrapolava cada vez mais as previsões iniciais de 500 mil habitantes no ano 2000 precisaria de muito trabalho.

O tempo da escola passou, o tempo da universidade chegou e metade da minha turma de formatura ficou no meio do caminho, sem conseguir emprego na área escolhida. Com os

meus colegas de outros cursos, aconteceu pior: muitos tiveram que sair de Brasília para conseguir alguma colocação no mercado de trabalho. Os que fizeram concursos e entraram para o serviço público hoje engrossam as listas das demissões voluntárias, para tentar em negócios de risco o que a estabilidade não pôde dar: uma renda mínima para sobreviver em uma cidade ainda muita cara.

O projeto de industrialização, "adotado" por políticos das mais diversas correntes partidárias, não saiu das várias pastas cheias de papéis. A primeira justificativa foi de que Brasília não podia ter indústrias poluentes e que tinha que procurar sua vocação em áreas como Informática. Depois, o Distrito Federal perdeu feio no

campo de batalha pelas grandes plantas fabris das multinacionais, porque tinha pouca munição na

guerra fiscal. Resumo da ópera: o Pólo Industrial de Anápolis vai bem, obrigado.

A cidade "do comércio e dos serviços" também não se concretizou. Experimentamos um "boom" de shoppings centers nos últimos 12 meses, mas é o próprio comércio que reclama das lojas e caixas registradoras vazias. É fácil perceber que o que cresceu na cidade foi a periferia, formada por trabalhadores (os mais sortudos) com renda tão baixa que dificilmente podem ser chamados de consumidores. A classe média e a média alta, estas que "batem perna" nos shoppings e experimentam as novidades que vêm na

TV, também se resguardaram. Os que realmente podem comprar pensam duas vezes - na segunda acabam optando pelo giro de uma semana em Miami ou pelos produtos importados, que agora chegam sem ser no fundo das sacolas das "muambeiras".

Até bem pouco tempo, o serviço público era a tábua salvadora da massa que, ou não sabia que rumo tomar, ou que tinha certeza não contar com tantos rumos assim. Fazer concurso tornou-se quase uma profissão, e cursinhos de todos os tipos infestaram a cidade. Tanto a máquina federal quanto a do GDF, no entanto, não são tão elásticas quanto necessitariam os desempregados - os concursos continuam, num ritmo muito mais lento, na maioria das vezes para carreiras específicas. O que cresceu na cidade foi a periferia, formada por trabalhadores com renda muito baixa para serem chamados de consumidores que preza a terceirização.

A maioria das portas estão fechadas para quem tem instrução. Para quem não tem, elas nunca estiveram abertas. Infelizmente, são estes que estão fazendo o Distrito Federal chegar a quase 2 milhões de habitantes. Uma massa despreparada para concorrer aos poucos empregos, que insiste no subemprego como forma de sobrevivência. Um bolo que incha cada vez mais: a migração, ao contrário do que pensam muitos, nunca parou. E a seca do Nordeste que vemos pela televisão daqui a alguns meses vai se refletir no aumento desta leva de semi-alfabetizados que

baterá às portas do poder.

Seria simples e leviano pensar numa solução nazista e fechar os portões do Distrito Federal para quem quer que venha atrás de vida melhor. Afinal, não foi isso que nossos pais fizeram há 30 anos? E a cidade - porque precisava de mão-de-obra - não nos recebeu tão bem? Confesso que temo por uma convulsão social. A pressão da população das cidades mais próximas do Entorno já é visível. Os que moram nos ex-assentamentos, que viraram cidades-satélites, também estão sem saída. O que acontecerá daqui a alguns anos, quando nem a construção civil tiver muito mais o que fazer, quando quase tudo já estiver pronto?

Brasília, desculpem-me os puristas, parece hoje aquela ninfeta que durante muito tempo retribuiu com olhares cúmplices as "cantadas" de quem ficou atraído pela

novidade, prometendo algo revelador para "mais tarde". Hoje, aos 38 anos, ela já não tem mais recursos estéticos - cirurgias plásticas, maquiagem pesada - que disfarçam seu corpo maltratado pelo tempo. E, ao contrário de muitas balzaquianas, ela confiou somente na sua beleza: não consolidou a "beleza interior" (indústria, comércio, autonomia econômica), ainda depende da boa vontade da União (esta também uma mãe cansada de tanto driblar a falta de dinheiro dentro de casa) e, portanto, não tem mais como seduzir seus admiradores.